

Luís Gonzaga Gomes

Um “Filho da Terra” Pedagogo e Promotor da Identidade de Macau e do Diálogo Intercultural Luso-Chinês

AURELIANO BARATA*

RESUMO: Neste artigo pretendemos revisitar Gonzaga Gomes à luz dos novos estudos entretanto realizados, e analisar a acção de Luís Gonzaga Gomes como professor e pedagogo, mas também como promotor da identidade de Macau e do diálogo intercultural luso-chinês.

A Dissertação de Doutoramento (2018) da professora Han Lili, *Luís Gonzaga Gomes, Filho da Terra: divulgador e tradutor de imagens da China e de Macau*, e o seu artigo *Contributo da adjetivação na construção da identidade macaense – estudo da obra Curiosidade de Macau Antiga, de Luís Gonzaga Gomes* (2013).

O Dr. Jin Guoping como tradutor de, pelo menos duas obras, de Gonzaga Gomes: a *Mensagem* de Fernando Pessoa para Chinês, e a *Breve Monografia de Macau*, para Português (2009), a partir da versão de Zhao Chunchen de 1988.

Os trabalhos de Mónica Simas, Fernando Serafim e Vanessa Sergio, autora de uma dissertação de Doutoramento em Nanterre (França), sobre o título *Macao, vie culturelle et littéraire d'expression portugaise au milieu du XXème – Luís Gonzaga Gomes “Fils de la terre”*.

Tradutor ou simplesmente divulgador para a maioria, parece haver consenso sobre a importância da obra de Luís Gonzaga Gomes como promotor do diálogo intercultural luso-chinês e, desta forma, a relevância do seu contributo para a identidade de Macau.

PALAVRAS-CHAVE: Luis Gonzaga Gomes; “Filho da terra”; Bibliófilo; Coleccionador; Escritor; Identidade; Diálogo intercultural; Professor; Intérprete; Jornalista; Língua sínica; Sinólogo; Músico.

*Aureliano Campino da Rosa Barata é licenciado em História pela Universidade do Porto e mestre em História Contemporânea pela Universidade de Macau, com a tese *O papel da Caixa Escolar no ensino de Macau (1919-1957)*. De 1995 a 1999 esteve na Direção dos Serviços de Educação e Juventude (DSEJ). Pertenceu à *Comissão Territorial de Macau das Comemorações dos Descobrimentos Portugueses* (CTMCDP) e foi Assistente Convidado da Universidade de Macau. É autor da obra *O Ensino em Macau: 1572-1979 – Contributos para a sua História* (DSEJ 1999), tendo colaborado com *Entradas sobre o Ensino em Macau para o Dicionário Temático de Macau* (DITEMA), editado pela Universidade de Macau (2010-2011). Colaborou em jornais e revistas com temas sobre o Ensino em Macau e os Missionários de Bragança no Oriente.

Aureliano Campino da Rosa Barata graduated in History from the University of Oporto (1985) and has a Master in Contemporary History from the University of Macau (2005) with a thesis entitled The role of the Caixa Escolar in teaching Macau (1919-1957). From 1995 to 1999 he was at the Direction of Macao Education and Youth Affairs Bureau (DSEJ). Belonged to Macao Territorial Committee on Commemoration of the Portuguese Discoveries (CTMCDP) and was a Visiting Assistant at the University of Macau (1996-1998). He is author of Teaching in Macau: 1572-1979 - Contributions to its history (DSEJ 1999), having collaborated with Inputs on the Teaching in Macau for Thematic Dictionary of Macau (DITEMA), published by the University of Macau (2010-2011). He contributed in newspapers and magazines with topics on education in Macau.

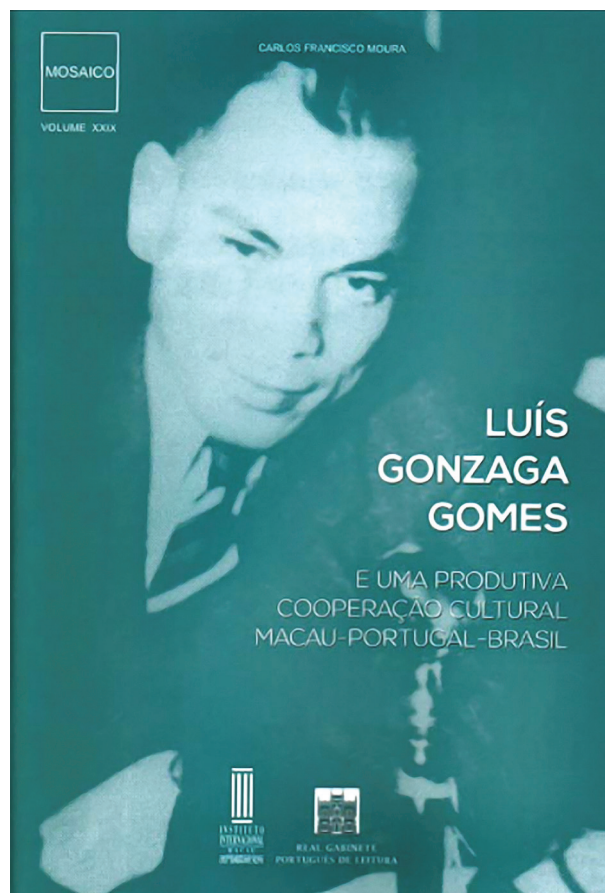
Introdução

Luís Gonzaga Gomes nasceu em Macau em 11 de Julho de 1907, filho de um casal de professores, Joaquim Francisco Xavier Gomes e Sara Carolina da Encarnação. Ele era, em 1916, professor do Instituto Comercial, anexo ao Liceu, e era directora da Escola Central do sexo feminino.¹ Segundo Aresta (2016:47-48), tratava-se de uma família culta e informada, economicamente desafogada, com gostos musicais e artísticos requintados a que não faltava a paixão pelo mobiliário e pela porcelana chinesa.

O investigador Dr. Luís Sá e Cunha afirma que Luís Gonzaga Gomes “foi o último sinólogo de uma grande escola e de uma grande geração de sinólogos. Foi professor. [...] e onde esteve, começou a dizer que era preciso ensinar chinês nas escolas dos miúdos portugueses.” E acrescenta: “Tem 100 livros publicados, uma coisa enorme, esteve em todo o lado, fez parte de tudo.”²

De facto, Gonzaga Gomes foi um cidadão de Macau de corpo inteiro. “Esteve em todo o lado, e fez parte de tudo”, eis uma feliz síntese de Sá e Cunha para definir a personalidade de Luís Gonzaga Gomes.

Foi conservador do Museu Luís de Camões, director-bibliotecário interino da Biblioteca de Macau e, nessa condição, dirigiu a terceira série dos “Arquivos de Macau” até à sua morte, em 1976. Foi vice-presidente e presidente em exercício do Leal Senado, vogal da Comissão de Terras, secretário da comissão da *Defesa e Valorização do Património Artístico e Histórico da Província de Macau*, secretário da comissão de instalação do Arquivo Central de Macau, vogal-secretário da comissão *Provincial da União Nacional*. Foi, também, secretário e grande impulsionador da delegação de Macau do *Círculo de Cultura Musical*,³ do *Círculo Cultural de Macau*,⁴ que editou a revista trilingue *Mosaico*, secretário da *União Desportiva Macaense*, tesoureiro do *Grupo de Amadores de Teatro e Música*, director do *Boletim do Instituto Luís de Camões*. Na área da comunicação social, foi director da Emissora de Macau, correspondente da então



Capa da Revista “Mosaico” vol. XXIX, de Francisco de Moura do Instituto Internacional de Macau.

Agência Noticiosa de Informação (ANI),⁵ chefe de redacção e administrador da revista *Renascimento*, secretário-geral e redactor do diário *Notícias de Macau*. Colaborou ainda em numerosas publicações periódicas locais, nacionais e internacionais (RANGEL, 2007:14-15). Também pertenceu ao *Rotary Club de Macau*, fundado em 1947, de que foi presidente em 1960-1961, e em 1968-1969, tendo tido por secretários, respectivamente Henrique de Senna Fernandes, e Edmundo M. Marques.⁶

Gonzaga Gomes foi tudo isso: intérprete oficial, professor, músico, melómano, jornalista e radialista, escritor e tradutor, bibliófilo e coleccionador de arte chinesa. Segundo Rangel, ainda aluno da escola primária, estudava violino com a irmã de Gonzaga

ORIENTALISM

Gomes, Maria Margarida Gomes, deslocando-se duas a três vezes por semana à sua residência. Falava com Gonzaga Gomes e “admirava a sua vasta biblioteca, os seus objectos de arte chinesa e a sua imensa colecção de fitas gravadas e discos de música clássica” (2007:23).

Afonso Correia, seu contemporâneo e admirador, dedicou-lhe algumas páginas do seu livro, *Macau, Terra Nossa. Solar de Portugal no Oriente*, editado em 1951 pela Imprensa Nacional de Macau.⁷ Considerou Gonzaga Gomes “um bibliófilo de aturado estudo”, acrescentando não conhecer em Macau “um intelectual que tanto se firmasse na ânsia de iluminar o cérebro, com o desejo de repartir pelas gentes largas somas da sua riqueza espiritual (RANGEL, 2007:20).

Também Joaquim Morais Alves (1923-2003), seu colega e vizinho, referiu que Gonzaga Gomes era muito desprendido do dinheiro pois o que

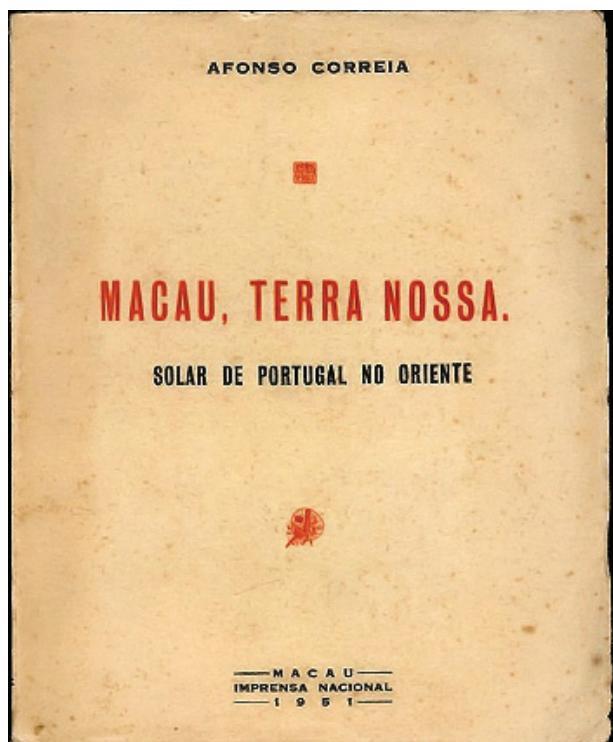
ganhava investia em discos e livros novos e velhos que procurava nos alfarrabistas (RANGEL, 2007:19).

Partindo de textos publicados no *Jornal de Macau* de 1919 e 1929 pelo Dr. Manuel da Silva Mendes sobre a estética da cidade de Macau e o desleixo a que tinha sido votada a sua documentação histórica, pretendemos analisar a acção de Luís Gonzaga Gomes, como professor e pedagogo, mas também como promotor da identidade de Macau e do diálogo intercultural luso-chinês, à luz dos novos estudos sobre esta personalidade.

Desde logo a dissertação de Doutoramento (2018) da professora do Instituto Politécnico de Macau, Han Lili, sob o título *Luís Gonzaga Gomes, Filho da Terra: divulgador e tradutor de imagens da China e de Macau*. Mas também do seu artigo *Contributo da adjetivação na construção da identidade macaense – estudo da obra Curiosidades de Macau Antiga, de Luís Gonzaga Gomes* (2013).

Registe-se também o trabalho do Dr. Jin Guoping, como tradutor de, pelo menos duas obras, anteriormente traduzidas por Gonzaga Gomes, em parte ou no todo: a *Mensagem* de Fernando Pessoa, para Chinês, e a *Breve Monografia de Macau*, para Português (2009), numa edição da Fundação Macau, a partir da versão de Zhao Chunchen, publicada em Cantão em 1988.

Citaremos muitos outros autores, como os brasileiros Mónica Simas e Fernando Serafim, para além de Vanessa Sergio, autora de uma dissertação de Doutoramento em Nanterre (França), em 2012, sobre o título *Macao, vie culturelle et littéraire d'expression portugaise au mullieu de XX.e siècle – Luís Gonzaga Gomes “Fils de la terre”*. Isto é, *Macau, via cultural e literária de expressão portuguesa em meados do século XX – Luís Gonzaga Gomes “Filho da terra”* (tradução nossa), onde no Capítulo IV a autora analisa as obras traduzidas por Gonzaga Gomes (pp.345-486). Faremos igualmente referência à professora e filóloga Graciete Batalha e ao investigador António Aresta, entre outros.



“Macau, Terra Nossa, Solar de Portugal no Oriente”, de Afonso Correia. Imprensa Nacional de Macau, 1951.

ORIENTALISMO

Para além da contextualização do momento histórico de Macau à data do nascimento de Luís Gonzaga Gomes, abordaremos o seu percurso académico, o docente e pedagogo, o tradutor ou divulgador, mas, sem dúvida, promotor do diálogo intercultural luso-chinês, os seus contos e lendas, como factor da identidade de Macau e dos macaenses. Finalizaremos o artigo com mais alguns depoimentos de personalidades que o conheceram e com ele privaram e as nossas conclusões finais.

Manuel da Silva Mendes, profundo defensor da identidade portuguesa de Macau, ao comparar o aspecto da cidade que o recebeu em 1901, com a de 1929, teve a sensação de que esta se descaracterizara. Fê-lo num artigo publicado no *Jornal de Macau*, de 28 de Junho de 1929, com o título “Macau Antigo e Moderno”:

Quando, há perto de trinta anos eu desembarquei pela primeira vez em Macau, a cidade não tinha o aspecto que hoje tem. Tinha outro, melhor, interessantemente característico: chinês, em metade dela; português no resto.

Nunca vimos que tínhamos o que outros [...] ambicionavam ter: alguma coisa que bem nos definisse, [...] que só nossa fosse, alguma coisa que marcasse a nossa longa e persistente estada nestas partes do oriente, alguma coisa que fosse aqui o nosso ser, a nossa vida, a nossa história.

[...] Eu me recordo bem de ser toda a Praia Grande, a Rua do Campo, as ruas do Hospital e de S. Domingos, o Leal Senado, a Sé e o mais que em linha até à Barra vai, tudo português. E hoje o que é isso? Um mistifórdio architectónico, incaracterístico, reles.

Silva Mendes gostava mais da cidade que encontrou quando chegou, em 1901, não só pela distinção entre a parte bem portuguesa e o bazar chinês de outrora, mas também pela estética que existia naquilo que chamou de boa arquitectura portuguesa e chinesa.

Dizia ele:

[...] Residências chinesas levantadas por antigos “tai-pans”, de linhas puras, de sumptuosa e, por vezes, mui característica decoração, havia muitas: havia-as como não as há em Hong-Kong nem em Shanghai. [...] Restam hoje poucas, afogadas sobre a sombra de circunjacente casario informe.

Mas não era apenas o actual estado da cidade que o entristecia. Era, também, a preservação das fontes históricas de Macau, que representavam a memória da presença portuguesa neste Território, que andava ao deus dará, como nos dá conta num artigo escrito no *Jornal de Macau*, de 23 de Novembro de 1919:

A própria história de Macau ignoramo-la quase completamente. Em língua portuguesa nunca foi escrita. Documentos, sobre que ela devia fazer-se, têm desaparecido quase todos. Pelo desleixo, pela acção não impedida do tempo e dos insectos foram na maior parte destruídos. [...] Nunca se procedeu a trabalhos de colecção; nunca se arquivou sistematicamente coisa alguma; nunca houve cuidado em conservar o que casualmente ficou, E, assim, chegámos ao século vinte sem história escrita da grande empresa da Europa na Ásia, nós que fomos os primeiros a iniciá-la.

Silva Mendes já não estava entre nós quando, na segunda metade do século XX, se iniciou a organização da documentação histórica (e não só), sobretudo através de três grandes vultos de Macau. Dois reinóis que dedicaram toda a sua vida ao Território, os padres Manuel Teixeira (1912-2003), e Benjamim Videira Pires (1916-1999), e um *filho da terra*, Luís Gonzaga Gomes (1907-1976), que fora aluno de Silva Mendes no Liceu de Macau.

É sobre este último que pretendemos tratar neste artigo.

Luís Gonzaga Gomes foi, provavelmente, o “filho da terra” que mais contribuiu para a história,

ORIENTALISM

cultura e identidade de Macau da segunda metade do século XX, sendo, acima de tudo, o maior promotor do diálogo intercultural luso-chinês do seu tempo.

Este autor tem sido objecto de estudos académicos, o que denota o valor da sua obra. A mais recente é, sem dúvida, a dissertação de Doutoramento (2018) de Han Lili, cujo título já referenciámos na Introdução. Aí referimos, igualmente, Vanessa Sergio, que na sua dissertação em Nanterre, em 2012, em língua francesa, sobre a vida cultural e literária de meados do século XX, lhe dedica um espaço: *Luís Gonzaga Gomes, Filho da Terra* (tradução nossa). Maria Manuela Gomes Paiva, na sua Dissertação de Doutoramento na Universidade Aberta (2008), *Traduzir em Macau: Ler o outro – para uma história da mediação linguística e cultural*, insere na bibliografia as obras/manuais de Luís Gonzaga Gomes, que têm a ver com o estudo da língua Chinesa. Uma delas foi *Noções Elementares de Língua Chinesa*. Caderneta de Instrução Profissional dos CTT n.º 3 (1958), não referenciado por outros autores.

Enquadramento histórico de Macau em 1907

Quando Luís Gonzaga Gomes nasceu a 11 de Julho de 1907, a monarquia portuguesa e chinesa encontravam-se à beira do fim. Também Macau sofrera profundas alterações políticas, económicas e sociais, mercê do desfecho da I Guerra do Ópio (1839-1842), e das que se lhe seguiram, que se alargaram a toda a Ásia Oriental e em particular à China imperial.

Com a ocupação da ilha de Hong Kong, a Grã-Bretanha iniciou a construção de um entreposto comercial na China, dele emergindo uma cidade de grande dinamismo económico, beneficiando do seu porto de águas profundas, habilitado a receber navios a vapor de grande calado (DIAS, 2011:5 e 88).

Até então, Macau mantivera um estatuto privilegiado de porta de entrada no Império do Meio, que as autoridades de Macau procuraram assegurar pela necessidade quotidiana de abastecimento da cidade. Contudo, com a abertura forçada da China

ao comércio internacional, segundo Dias (2011:90-91), as autoridades portuguesas de Macau foram forçadas a alterar essa política. Usaram, para isso, duas vias que se complementavam: romperam com a prática da governação assente na partilha do poder político administrativo de Macau com os mandarins locais e regionais, e firmaram uma nova política de alianças no intuito de manterem um equilíbrio entre o império chinês e as potências ocidentais. Coube aos Governadores João Ferreira do Amaral (1846 e 1849), e Isidoro Francisco Guimarães (1851 e 1863) materializarem essa nova política.

Por um lado, puseram termo ao pagamento do *foro do chão* e expulsaram os mandarins do Território; por outro, abriram uma estrada até às Portas do Cerco e procederam à construção de um pequeno forte na ilha da Taipa, como garantia do domínio sobre as águas circundantes da península de Macau.

No plano económico, a abertura dos portos chineses ao comércio internacional e a fundação de Hong Kong, com um porto tornado franco em 1842, relegou Macau para uma economia de sobrevivência, baseada no monopólio do ópio e do negócio do jogo, quando cessou o tráfico dos cules (GUNN, 1998:103-110-111).

A saída das principais casas de comércio de Macau para Hong Kong teve um forte impacto social, levando a comunidade macaense a encetar um movimento migratório que, inicialmente, se dirigiu para Hong Kong e Xangai, assumindo posteriormente as características de uma diáspora (DIAS, 2011:5 e 35). O semanário português de Hong Kong, *O Patriota*, de 4 de Novembro de 1903, explicava as razões dessa emigração e a importância de uma escola que os preparasse para tal.

Os filhos de Macau não podem hoje aspirar a uma colocação vantajosa nos empregos públicos da sua terra natal. A carreira militar, que antigamente garantia a alguns d’elles um futuro, está fechada para todos os filhos d’esta terra. [...]. A vida burocrática do funcionalismo civil também ficou

ORIENTALISMO

muito cerceada, porque de Portugal têm sido enviados para Macau indivíduos para ocupar cargos subalternos, como os de escrivães e escripturarios, que antes eram bem e economicamente desempenhados por filhos de Macau.

Hoje, [...] mais do que nunca, têm os paes de família de Macau, de dotar os seus filhos com uma instrução adequada ao meio em que terão de viver e [...] de adestral-os para entrarem na luta de competição que terão de sustentar contra os estrangeiros de diferentes nacionalidades que emigram para a China em busca de empregos.

Luís Gonzaga Gomes podia ter sido um dos muitos macaenses a emigrarem para Hong Kong, Xangai ou para os outros portos dos tratados. No entanto não o fez, por opção dos pais ou dele próprio.

Percurso académico

Depois de frequentar o ensino primário, Luís Gonzaga Gomes matriculou-se no Liceu de Macau.⁸ Aos 14 anos (1921) publicou pela primeira vez um artigo no jornal escolar *Academia*, fundado a 5 de Outubro de 1920 por Pedro Correia da Silva (Paço d'Arcos) e por ele dirigido, sob o título “Benjamim Franklin” (ARESTA, 2016:48).⁹

Após concluir o Liceu matriculou-se na *Escola de Língua Sínica*, anexa à Repartição do Expediente Sínico, que frequentou durante oito anos, entre 1925 a 1933. Aí estudou para além de cantonês, chinês clássico, obras clássicas, confucionismo, geografia, história, etiqueta e costumes chineses.⁰ Segundo o Regulamento de 1914, a formação de um tradutor-intérprete de Chinês dividia-se em duas classes ou cursos, com uma parte oral e escrita. O primeiro, com a duração de cinco anos, aprendia-se o dialecto cantonense, enquanto no segundo, de três anos, se estudava o dialecto de Pequim.

Para além da língua chinesa também se estudava história, literatura, filosofia e cultura chinesas com base em manuais próprios. Os alunos tinham de dominar o Inglês, o Francês e o Português, sendo

esta última a língua veicular do curso. O objectivo da Escola era formar tradutores-intérpretes para servirem na administração pública de Macau, mas também na diplomacia, sobretudo na legação de Portugal em Pequim e nos consulados portugueses de Cantão e Xangai (HAN LILI, 2018:136-137).

Luís Gonzaga Gomes ainda chegou a ser tradutor-intérprete de 1.^a classe. No entanto optaria pela carreira de professor primário como seus pais, na Escola Central do sexo masculino, onde foi director, sucedendo a Francisco de Carvalho e Rego (TEIXEIRA, 1982:62).¹¹

Gonzaga Gomes docente e pedagogo

Como docente, Gonzaga Gomes para além de leccionar na Escola Primária Oficial Pedro Nolasco da Silva, onde foi professor durante 24 anos, ensinou Chinês no Liceu de Macau e na Escola dos Correios (BATALHA, 2007:9).

Segundo Sergio, em 1958, Luís Gonzaga Gomes, enquanto professor da *Escola Prática dos C.T.T.* de Macau, publicou um guia prático de conversação, *Noções elementares da língua chinesa – Guia de conversação para uso dos funcionários dos C.T.T. de Macau*, onde retoma os principais pontos do cantonense, já presentes no primeiro *Vocabulário Cantonense-Português* de 1941. Numa nota, o autor precisa que não se trata de um método no sentido estrito do termo, mas sobretudo de um guia prático destinado aos funcionários dos Correios, para que possam ultrapassar a barreira da língua no exercício das suas funções junto do público chinês. Desta forma Gonzaga Gomes assume um papel de mediador entre as comunidades presentes em Macau (2012: 363-364).

O *Instituto Comercial*, criado pelo Leal Senado, em 1901, anexo ao Liceu de Macau, tinha uma cadeira de Chinês e História da China, tendo encerrado em 1919. Posteriormente, pelo Decreto n.º 38 552, de 7 de Dezembro de 1951 (Art.º 53), criou-se no Liceu de Macau a cadeira de Língua Sínica, a título facultativo, que Gonzaga Gomes passou a leccionar.

Por ser pouco frequentada (era disciplina de opção), o então reitor Dr. Pedro Guimarães Lobato

ORIENTALISM

(1951-1957) pediu verbalmente a Gonzaga Gomes que elaborasse um relatório no sentido de estimular os alunos do Liceu a frequentá-la. O que este fez com data de 3 de Março de 1955,¹² apresentando as seguintes sugestões:

1.- Que uma das condições para o concurso de professores de Português, na Escola Oficial Luso-Chinesa Sir Robert Ho Tung, fosse, entre outras, o curso de Língua Chinesa do Liceu;

2.- Obrigatoriedade dos professores de Português das escolas chinesas subsidiadas pelo Governo terem o curso de Língua Chinesa do Liceu;

3.- Dispensa de frequência do curso de Chinês na escola dos CTT aos que tivessem o curso de Língua Chinesa do Liceu;

4.- Possibilidade de matrícula no 2.º ano do curso de alunos intérpretes da Secção Técnica do

Expediente Sínico aos indivíduos que, para além de outras exigências legais, tivessem o curso de Língua Chinesa do Liceu;

5.º- Nos concursos para cargos públicos que tenham contacto com a população chinesa fosse condição de preferência o curso de Língua Chinesa do Liceu.

Dado que estas sugestões deveriam merecer a aprovação do Conselho Superior de Instrução Pública, de que era presidente o secretário-geral do Governo, não encontrámos qualquer documento nesse sentido. Aliás, o curso terminou no ano lectivo de 1966/1967 (BARATA, 1999:79).¹³

Segundo Aresta, Gonzaga Gomes foi

sempre um Professor, desde a Escola até à tribuna da imprensa, passando pelas actividades sociais em que



Gonzaga Gomes, à esquerda, com os colegas do Liceu de Macau.

Man Foch, in ARRIMAR, Jorge, Apontamento Biográfico in Exposição Fotobibliográfica, ICM, 1987, pp. 3-26

ORIENTALISMO

se empenhou. Um Professor, [...] isto é, um homem culto e sensível, um removedor de almas, incutindo-lhes a razão do saber e a razão do ser, sem autoritarismos ou demagogias paternalistas (2016:52-53).

Perfilhamos a opinião de que muitas das traduções de Gonzaga Gomes tiveram especificamente como objectivo os alunos. São os casos dos *versos para a juventude escolar*, *Tchang-Tch'm*, *O Clássico da Piedade Filial*, *O Clássico Trimétrico*, todos de 1944 (este último com uma 2.^a edição em 1995), *As Quatro Obras: Discursos e Diálogos, Suprema Educação, Meio Constante e Meneio* (1945). Tradução parcial para Chinês de *A Mensagem*, de Fernando Pessoa (1959), *Os Lusíadas Contados às Crianças e Lembrados ao Povo*, do provável maior pedagogo da 1.^a República Portuguesa, João de Barros (1972), e a *História de Portugal (P'ou Kuók Si-Leok)*, em colaboração com Tcheong Iek Tchi (1955).

Luís Gonzaga Gomes tradutor ou divulgador?

Há autores que perfilham a ideia de que Gonzaga Gomes foi um divulgador da cultura luso-chinesa, enquanto outros o classificam como tradutor.

Segundo Han Lili, uma tradução diz-se adequada quando o tradutor se sujeita às normas da cultura de partida, enquanto uma tradução aceitável é quando o tradutor se inclina para as normas da cultura de chegada (2018:56-57). No tocante a Gonzaga Gomes diz-nos que:

[...] assume um papel histórico de mediador/tradutor, partilhando conhecimentos sobre as duas culturas e sociedades, cumprindo a sua missão como “filho da terra” e consolidando assim a sua própria identidade. É também por esta razão que Luís Gonzaga Gomes se torna uma figura incontornável para os investigadores que estudam a comunidade macaense do século XX (HAN LILI, 2018:127).

Vejamos a opinião de Jin Guoping sobre a tradução da *Mensagem*, de Fernando Pessoa, para Chinês feita por Gonzaga Gomes (1988):¹⁴

Trata-se de uma edição comemorativa do vigésimo quarto aniversário da morte do nosso poeta, destinada à divulgação aos alunos do mesmo Liceu. A tiragem foi de quinhentos exemplares, dos quais trinta em edição de luxo. É uma tradução parcial da Mensagem [...] porque, de cada poema, o autor traduz selectivamente uns versos. Os poemas traduzidos na íntegra são poucos.

Jin Guoping escusa-se a medir o valor linguístico da tradução de Gonzaga Gomes, afirmando, contudo, *que o trabalho em si é digno de elogio, tratando-se da primeira tradução da obra pessoana para a língua chinesa*. E refere a sua própria experiência como tradutor:

Traduzir é difícil, traduzir a Mensagem... difícilímo. [...] Durante a tradução, tentámos fazer rimar os versos em chinês, com uma determinada musicalidade, requerida pela versificação chinesa e, ao mesmo tempo, manter a força imagética do original. E contudo, para manter a força das imagens portuguesas tivemos de recorrer a outras imagens chinesas.

O seu depoimento é fundamental, não só porque domina os dois idiomas, mas também porque é o tradutor integral da *Mensagem*. Como vimos, a tradução de enxertos da *Mensagem*, de Pessoa, teve por público-alvo os alunos do Liceu de que, na altura, era professor (1959).

Segundo Batalha (1925-1992), embora tenha traduzido apenas alguns enxertos da *Mensagem*, os versos traduzidos talvez *pudessem dar uma síntese da ideia fundamental que neles o Poeta exprima* (2007:12).

Mais do que opiniões estranhas é importante saber como o próprio encarou a função de verter

ORIENTALISM

obras para Português e Chinês. Luís Gonzaga Gomes afirmou bastas vezes nos seus escritos que o Chinês é uma língua

*riquíssima em tropos o que dificulta, enormemente, a sua aprendizagem. Sem o conhecimento das expressões metafóricas chinesas dificilmente se consegue apreender o sentido de certas frases empregadas pelos nativos, no seu colóquio quotidiano (GOMES, 1952:389).*¹⁵

Vejamos outra obra, provavelmente a mais importante que Gonzaga Gomes traduziu para Português *A Monografia de Macau/Ou Mun Kei-Leok* (1950).

Esta obra foi redigida em 1751 no reinado de K'in-Long pelos mandarins Ying Guangren e Zhang Rulin, dois bons poetas segundo Han Lili. Como encarregados dos assuntos de Macau, visitar Macau entre 1744 e 1746, onde recolheram informações detalhadas sobre a história, a geografia e as actividades económicas de Macau.

Segundo Sergio trata-se de uma obra singular que reflecte o ponto de vista de dois magistrados chineses, Tchong-Ü-Lâm et Ian-Kuong-Iâm, sobre as relações entre Portugal e a China. Esta obra dá-nos também um curioso retrato dos “estrangeiros” que viviam em Macau, isto é, Portugueses e macaenses.

O texto tem um duplo interesse: histórico, com a evocação das relações diplomáticas entre Portugal e a China; e sociológico, pela descrição do quotidiano e dos costumes dos primeiros habitantes de Macau. Para além desta dimensão esta tradução revela um olhar inédito dos Chineses do século XVIII sobre Macau e os seus habitantes. O livro apresenta igualmente numerosos documentos oficiais chineses da época de difícil acesso, bem como poemas e gravuras representando missionários de diversas ordens (2012:403).

No prefácio da obra, Gonzaga Gomes afirmou ser:

*[...] o repositório mais importante que se encontra em chinês dos assuntos referentes a esta nossa terra, quer pela grande cópia de informações nele compendiadas que corroboram [...] as que já são conhecidas, quer pelos documentos oficiais chineses nele reproduzidos que não devem ser hoje possíveis de se conhecerem através de outras fontes [...].*¹⁶

Segundo Gonzaga Gomes (prefácio) só existiam em Macau dois exemplares: um pertencente ao historiador José Maria Braga (Jack Braga), e outro na biblioteca pessoal de um tal Tchéong-Tchâng-K'áu. Fora de Macau, o historiador Charles Boxer possuía um exemplar da primeira edição de 1751 de *Ou-Mun Kei-Leok*, e outro publicado em 1884 (SERGIO, 2012:403-404).

Gonzaga Gomes usou para a tradução uma edição litografada do primeiro volume, de 1801, cujo documento apresentava alguns defeitos de conservação, como folhas fora do sítio, caracteres ilegíveis ou mesmo em falta. O texto do segundo volume era uma cópia manuscrita a partir de uma outra litografia, com numerosos erros que tornaram a leitura mais difícil para o tradutor. Socorreu-se, segundo Sergio, dos dois exemplares de Tchéong-Tchâng-K'áu, cujo segundo volume tinha as últimas páginas em mau estado, devido às inclemências do tempo ou dos insectos, o que as tornava ilegíveis (2012:403-404).

Certamente que, todos estes contratempos, dificultaram a tradução para a língua portuguesa. Por outro lado, o facto de o texto ser de meados do século XVIII e de conter poemas, cujo significado exacto teve dificuldade em traduzir, terá levado Gonzaga Gomes a escrever no Prefácio o seguinte:

*O presente trabalho está, por isso, e pela nossa insuficiência de conhecimentos sinológicos, longe da perfeição, motivo por que de muito bom grado aceitamos qualquer correcção aos erros que, por ignorância tenhamos perpetrado, ou aos deslizes em que, involuntariamente, tenhamos incorrido.*¹⁷

ORIENTALISMO



Luís Gonzaga Gomes no dia da sua comunhão aos 8 anos na Sé Catedral de Macau. Foto de Man Fock.

Isto é, Gonzaga Gomes tinha a perfeita noção de que a tradução do *Ou Mun Kei-Leok* não era perfeita, apontando as razões.

Veremos o que nos diz Jin Guoping, autor da tradução para português da mesma obra, que denominou de *Breve Monografia de Macau*, feita a partir da versão de Zhao Chunchen, publicada em Cantão em 1988.

Em entrevista ao jornal *Ponto Final*, de 28 de Junho de 2010, referindo-se à tradução de Gonzaga Gomes diz o seguinte:¹⁸

[...] não podemos culpar Luís Gonzaga Gomes [...] porque houve de facto dois trabalhos: primeiro paleografia [dos manuscritos do século XVIII], porque ele traduzia a partir de uma versão chinesa sem pontuação, [o que] era muito difícil. E depois ainda traduzir para português. Ele

não teve o conhecimento suficiente de paleografia, por isso a tradução dele [...] não se percebe, é muito difícil.

O grau de dificuldade da tradução fica bem patente no que nos diz Jin Guoping. Levou dez anos a traduzir, sendo depois o texto corrigido pelo Professor Rui Loureiro, historiador desse período (século XVIII), e seguidamente submetido a um revisor oficial do Instituto Cultural da R.A.E.M., o Dr. Luís Ferreira.

Isto é, para além de ter sido um trabalho demorado devido à complexidade da obra, que incluía poemas com a dupla função de testemunho dos relatos e embelezamento do texto, teve uma revisão especializada. O que levou Jin Guoping a afirmar que:

Na minha versão, pelo menos quanto à compreensão do texto em chinês, não deve haver problema. Depois, o português foi corrigido por dois portugueses, portanto também não deve haver problema.

Esta obra não é só importante por relatar os primeiros 200 anos de Macau, mas também porque tem o ponto de vista do “outro”, neste segundo caso chinês. Ora Gonzaga Gomes contava apenas consigo próprio, num período em que Macau não tinha os recursos humanos e materiais que hoje possui.

Han Lili comparando as traduções da *Monografia de Macau*, de Gonzaga Gomes e de Jin Guoping, com base nas traduções dos termos fan (藩) e i (夷),¹⁹ refere que Gonzaga Gomes interpretou fan (藩) e i (夷) como duas palavras distintas, pois usou “estrangeiro” para traduzir fan (藩) e “bárbaro” para i (夷), enquanto Jin Guoping usou “bárbaro” para traduzir ambas. Pelo que concluiu que Gonzaga Gomes fez a sua tradução sujeitando-a às normas da cultura de chegada, enquanto Jin Guoping a fez com base nas normas de cultura de partida (2018:321-322).

Aliás, será interessante realçar o que nos diz Sergio, quando realça o facto de Gonzaga Gomes

ORIENTALISM

chamar a atenção dos seus leitores sobre a suposta “veracidade” de certos elementos feito pelos autores desta monografia (2012:404).

Nem todos os elementos que este trabalho oferece sobre a história do passado de Macau são suficientemente fiáveis ou precisas, tanto mais que, referentes a uma época em que os Chineses consideravam orgulhosamente o seu país como o ‘Reino do Meio’ ou ‘Império Celestial’ e onde o imperador era respeitado e reverenciado como o ‘Filho do Céu’, não é de surpreender que alguns dos factos relacionados a ela sejam reproduzidos com uma grande arrogância, uma parcialidade insolente e, deliberadamente distorcida, talvez para evitar que os autores sejam desaprovados pelos seus concidadãos e também por isso lhes ser ditado pela sua índole orgulhosa (GOMES, 1979: 8).

Este posicionamento de Gonzaga Gomes leva Sergio a afirmar que, ao rejeitar o discurso do outro (sobre si), e tomando uma posição de superioridade, o autor toma a mesma postura que rejeita nos autores chineses, o que leva a que caia no “discurso colonial”. Concluindo que Gonzaga Gomes, apesar do seu papel de “passeur”, isto é de intermediário entre a China e Portugal, ele reivindica uma identidade e uma cultura cristã profundamente portuguesa e europeia (2012:405). Esta autora não se pronuncia sobre o valor da tradução.

Para Aresta, as traduções de Gonzaga Gomes ocuparam uma parcela significativa do seu labor intelectual, protagonizando um *estimável serviço prestado* à causa da sinologia portuguesa assim como *para a divulgação da história e da cultura chinesas*. Acrescentando que as versões portuguesas de Gonzaga Gomes de alguns clássicos chineses “*abriram à cultura portuguesa novos caminhos para o entendimento do pensamento chinês*” (2001:1543-1544). Sobre o papel de Luís Gonzaga Gomes como tradutor, Aresta explicita-o nestes termos:

Com estas traduções, divulgando pedagogicamente a cultura chinesa, Luís Gonzaga Gomes, inaugurava uma rede de aprendizagem paralela, estimulando o desenvolvimento da apetência pela cultura chinesa ao mesmo tempo que edificava estruturas de saber local visando diferentes núcleos de interesses. Era claramente uma estratégia de remediação porque se verifica o caso insólito de Macau ser um território chinês administrado por Portugal [...] mas desde a implantação da República Popular da China, Portugal e a China não tinham relações diplomáticas. A questão de Macau era um legado da História e a acção de Luís Gonzaga Gomes foi a de criar amarras quer a um lado, quer ao outro lado, integrando os saberes para consolidar uma identidade, a identidade de Macau. (2016:58).

Sintetizando: Han Lili considera Luís Gonzaga Gomes tradutor, aliás como Aresta, enquanto Sergio e Jin Guoping não se pronunciam, embora este último dê a entender que o texto de partida que Gonzaga Gomes utilizou para traduzir *A Monografia de Macaul/ Ou Mun Kei-Leok*, não era o melhor, para além da complexidade da sua tradução, prosa e poesia. Para Batalha (2007:21) e Rangel (2007:30) ele foi um divulgador.

Batalha (2007:10) argumenta nos seguintes termos:

Chego agora à sua obra de tradutor, melhor diria de divulgador, porque Luís Gonzaga Gomes nunca foi, nem pretendia ser, um tradutor fiel e meticuloso do chinês. Não que possa eu ajuizar da fidelidade das suas traduções, mas é o próprio autor que se refere, no prefácio do Ou-Mun Kei-Leok à sua “insuficiência de conhecimento sinológicos”, e ao facto de não diligenciar “fazer uma pretensiosa e fastidiosa tradução (estou a citá-lo), pedantescamente rigorosa, pois isso só servirá para entediar o leitor”.

Estamos, sobretudo a referir-nos às obras vertidas para ou do Chinês.

ORIENTALISMO

No levantamento exaustivo das obras de Gonzaga Gomes efectuado por Han Lili, esta identificou 49 obras de tradução, sendo 11 em livros e 38 em artigos. Destas 49 traduções, 30 delas, 6 em livro e 24 em artigos, são sobre a China e Macau, sendo as restantes 19 (5 em livro e 14 em artigos) sobre a cultura e história da Europa, Portugal incluído. Todas as traduções de Gonzaga Gomes sobre a China e Macau têm o português como língua de chegada, destinando-se a um público de matriz portuguesa e macaense, com que o tradutor se identifica (2018:239 e 241).

Luís Gonzaga Gomes promotor da identidade cultural de Macau

Para Han Lili, imagem e identidade são conceitos que se cruzam na abordagem da identidade cultural. No processo de identificação, o macaense reforça o sentido identitário de pertença ao seu grupo, enquanto no seu desempenho pessoal contribui para ir ao encontro das suas expectativas colectivas (2018:178).

Na sua tese, tomando como ponto de partida os escritos e traduções de Luís Gonzaga Gomes pretendeu responder a duas questões: destacar o papel de Gonzaga Gomes como divulgador e tradutor de imagens na mediação entre as culturas portuguesa e chinesa; e reflectir a nível macro sobre a identidade colectiva macaense. Isto é, pretendeu verificar se os textos e traduções de Gonzaga Gomes o tornavam uma figura representativa e identitária da comunidade macaense (2018:51-52). E conclui que, enquanto divulgador e tradutor, na projecção das imagens da China e de Macau, Gonzaga Gomes reflecte “as estratégias ideológicas da então elite macaense, preenchendo as expectativas colectivas da comunidade macaense” (HAN LILI, 2018:327).

Serafim afirma ser unânime entre os estudiosos da historiografia de Macau a importância dos trabalhos de Luís Gonzaga Gomes sobre o Território, por ser possível reconhecer-se uma identidade macaense no contexto cultural do Oriente “aportuguesado” (2018:152).

Para Mónica Simas, Luís Gonzaga Gomes empreendeu os seus estudos sobre a China e os Chineses com o intuito de identificar os traços culturais chineses de Macau.

Em *Chinesices* (1951), a autora analisa as organizações das casas de penhor, o sistema de recrutamento dos funcionários por meio de exames públicos, a história da indústria da seda, a história do uso de ervas chinesas para o tratamento de doenças, as formas de luta chinesa, o ritual do casamento, os jornais chineses, os jogos, as actividades profissionais dos vendilhões e das penteadeiras (2007:146).

Segundo Simas, apesar do seu olhar se identificar com o “capital de portugalidade” Luís Gonzaga Gomes oferece ângulos inusitados em relação a essas marcas de identidade cultural, cruzando a esfera comunicativa do ‘capital de portugalidade’ com a do “capital sinófono”, o que actualiza um discurso alternativo, dirigido para a contemplação da memória dos habitantes chineses de Macau. (2007:149).²⁰

Para Han Lili o interesse pela identidade macaense através dos estudos do “capital sinófono” nas obras de Gonzaga Gomes continua a ser alimentado pelos estudos académicos, sendo o de Vanessa Sergio muito completo e abrangente. Vejamos o que nos diz sobre os contos e lendas de Luís Gonzaga Gomes:

Cette lecture des contes e des légendes, laissés par l’auteur macanais, s’appuie sur un corpus des textes extraites des recueils suivants: Contos chineses (1950); Lendas chinesas de Macau (1951); Curiosidades de Macau Antigo (1952) et Chinesices (1952). Un regroupement des textes, en quatre groupes thématiques, [...]: valeurs morales chinoises; superstitions et croyances chinoises; rencontre avec la civilisation chinoise; puis, divinités protectrices du panthéon chinois. Cette répartition thématique des contes et des légendes n’enferme pas, de manière définitive, chaque récit dans une catégorie. Un même récit peut ainsi réunir différentes éléments ou motifs qui se croisent, caractéristiques des thèmes thématiquement distincts (SERGIO, 2012:302).

ORIENTALISM

Isto é, segundo Sergio (tradução nossa), a leitura dos contos e lendas deixados por Gonzaga Gomes apoia-se num corpo de textos extraídos das seguintes obras: *Contos Chineses* (1950), *Lendas Chinesas de Macau* (1951), *Curiosidades de Macau Antigo e Chineses* (1952). Neles divisam-se quatro temáticas: valores morais chineses, superstições e crenças chinesas; o encontro com a civilização chinesa e as divindades protectoras do seu panteão. Esta distribuição temática de contos e lendas não encerra definitivamente cada história numa categoria. Cada história pode reunir diferentes elementos ou motivos que se cruzam em temáticas distintas. Daí o hibridismo que refere Batalha.

Encontrar a civilização chinesa é, para Gonzaga Gomes, na interpretação de Serafim do texto de Sergio, é caminhar pelas praças e ruas de Macau com o olhar de um passante, contando depois a um interlocutor não só o que viu, mas também o que representa como espaço de cultura. Este autor ilustra a sua interpretação com um extracto do texto em que Gonzaga Gomes narra os contadores de histórias que observou em Macau (SERAFIM, 2018:155):

No Verão, é frequente ver em Macau, principalmente durante o dia e em sítios abrigados do Sol, diferentes grupos constituídos por chineses de variada idade, que se assentam ou se acocoram no chão, para ouvirem com concentrada atenção a arenga de diversos indivíduos, sordidamente recobertos de andrajos, vislumbre do que outrora foram ricas véstias de seda. [...] Tais assembleias [...] não são mais que reuniões de pacatos burgueses, que se juntam em volta de vários narradores profissionais para ouvirem as histórias que eles contam. Na China, há muita gente que prefere frequentar um desses círculos, não só para se poupar ao trabalho de ler um romance ou uma novela, mas porque o povo se delicia com os comentários que os narradores fazem às diversas peripécias por que passam os seus heróis, prazer esse que não lhe pode ser proporcionado pelos livros, cuja leitura é demasiado

árida, em virtude da concisão e laconismo com que são expressas as ideias, na intrincada escrita chinesa. (GOMES, 1994b:95).²¹

É uma espécie de “hora do conto” narrado por profissionais, que faziam as delícias dos ouvintes que se acocoravam à sua volta.

Analisemos um outro conto/lenda escrito por Gonzaga Gomes sobre a origem da pintura da efígie do “deus das portas”, ligada ao Ano Novo Lunar, através de um pequeno enxerto da obra *Macau: Factos e lendas*, da edição de 1994, posterior à morte do autor:

Além dos dísticos auspiciosos, os chineses costumam também colar nas suas portas, nessa ocasião, as efígies dos Mun Sên (deuses das Portas), que foram, em época desconhecida, dois irmãos que viveram debaixo dum pessegueiro tão grande, que cinco mil homens de braços estendidos não conseguiam abraçar o seu [gigantesco] tronco. [...] Há, porém, quem conte que os deuses das Portas foram, em vida, dois dedicados generais do Imperador T’Ai Tchông (627-650 A.C.). Este, após o seu fiasco, na expedição que empreendeu contra a Coreia passou a ser perseguido por súcubos.²² Os dois generais, condoídos com o desespero em que vivia o ilustre amo, resolveram postar-se, cada um, nas portas de sua alcova, prontos a lutar com os demónios, que pretendessem franqueá-las para irem perturbar o seu imperial senhor. [...] O imperador, vendo, porém, que não era justo que os seus fiéis generais se sacrificassem perdendo as noites em vigília, só para o seu bem-estar, lembrou-se de mandar pintar nas portas as suas efígies. [...] Ante a indiscutível eficácia de tão simples processo de afastar os espíritos malfazejos, o povo passou também a colar as imagens desses guerreiros nas portas de suas residências (GOMES, 1994b:126).

Serafim afirma que este conto ilustra a força do mito como reforço de uma identidade macaense (2018:156-157).

Para Aresta o contributo de Gonzaga Gomes

ORIENTALISMO

para o estudo das lendas, costumes, tradições e mentalidades dos homens e da história da China permitiu consolidar *uma matriz interpretativa com a qual se identificava e que era mutuamente enriquecedora das comunidades de Macau* (2001:1541).

Quais teriam sido as fontes em que se inspirou Gonzaga Gomes para escrever estes textos?!

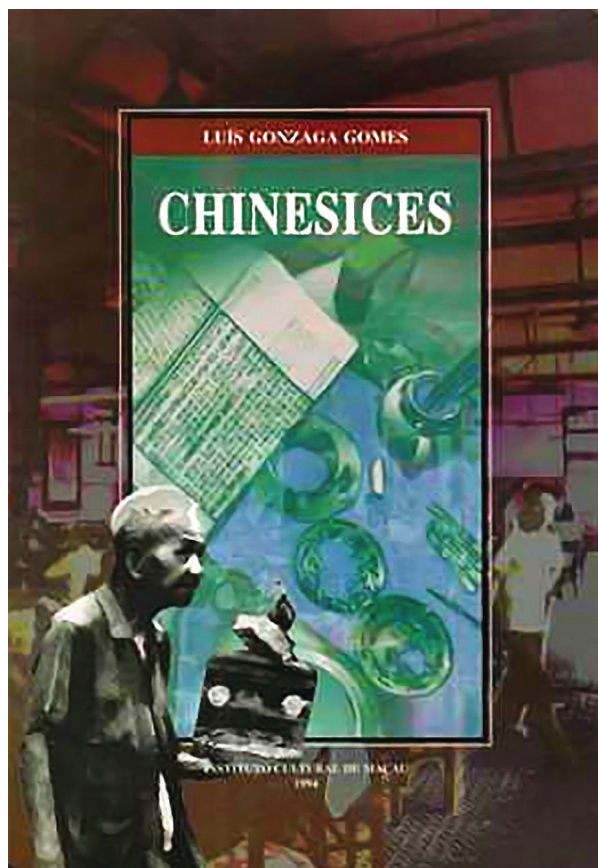
Sob a origem e a fonte de inspiração dos contos escritos por Gonzaga Gomes, Sergio afirma que diversas pistas fornecem elementos de resposta. Diz ela que certos textos longos e repetitivos deixam transparecer a dimensão oral, isto é, sugerem que o autor terá transcrito histórias recontadas pelos chineses de Macau. Para outros, segundo Jacques Pimpaneau (2004), desde o desenvolvimento da imprensa na China sob a dinastia Song (séculos XII a XIV), eram impressos pequenos livros com o resumo de histórias da literatura oral que circulavam por todo o território chinês. Importa sublinhar, segundo esta autora, que estes livrinhos foram retomados no século XX, que fazem recordar a “literatura de cordel” da Península Ibérica e da França (2012:302).

Também Batalha se interrogou sobre este ponto, quando procedeu à análise dos contos, lendas e tradições chinesas de Macau, de Gonzaga Gomes, afirmando ser

quase impossível avaliar até que ponto esses escritos provinham de textos chineses, ou de tradições orais que conheceu, ou até da sua própria imaginação”, uma vez que Gonzaga Gomes não aponta “as fontes” que consulta (2007:14-15).

Escaleira e Han Lili, num texto para a “Revista Macau” de 2013, afirmam:²³

A mestria da língua falada reflecte-se, positivamente, nas suas escritas e traduções e isto é particularmente visível na linguagem



Capa da obra *Chinesices*, Luis Gonzaga Gomes, Instituto Cultural de Macau, 1994

empregada por Gonzaga Gomes, na descrição dos acontecimentos e contos chineses, Lendas e factos de Macau, Curiosidades de Macau Antiga, Chinesices, entre outros livros, muito próxima do registo linguístico dos narradores populares. Recorrendo ao emprego de um enorme número de advérbios e adjectivos, na transposição cultural dos contos chineses para português, Gomes marcou o seu estilo com forte sabor chinês, apesar de o texto ser redigido em português.

Isto é, Gonzaga Gomes, “na descrição dos acontecimentos e contos chineses” usou um registo escrito muito próximo da linguagem oral, com um “estilo de forte sabor chinês”, próximo da matriz linguística da comunidade macaense, acrescentamos nós.

ORIENTALISM

No mesmo ano (2013), Han Lili, no artigo *Contributo da adjetivação na construção da identidade macaense – estudo da obra Curiosidades de Macau Antiga, de Luís Gonzaga Gomes*, afirma que:

Na obra Curiosidades de Macau Antiga [1952], Luís Gonzaga Gomes registou diversos contos que circulavam oralmente em Macau, incluindo, entre outros, os mitos topográficos, os costumes, as festividades e tradições chinesas, e os acontecimentos históricos mitificados. Ao lançar uma primeira vista sobre esta obra, não é estranho ficar admirado pelo emprego de um grande leque de adjetivos. Verifica-se que é desta forma que o autor revela o seu posicionamento atitudinal, a partir do ponto de vista de um escritor macaense do século XX [...].

E exemplifica com o conto em que Luís Gonzaga Gomes, em *Curiosidades de Macau Antiga* (1952), editado pelo jornal “Notícias de Macau”, explica a origem e o significado de LÁN-KUÀI-LÂU, também conhecida por “ferro velho”

Como os chineses costumam referir-se aos estrangeiros com o depreciativo epíteto de Kuài, que significa “diabo”, e como aquela casa era a única em estilo europeu que aparecia naquele sítio, passaram os mesmos a designá-la com o nome de Kuài-Lâu, que intrinsecamente significa “casa do diabo”, mas que, na realidade, significa simplesmente “casa estrangeira”, ou melhor “casa em estilo estrangeiro” (GOMES, p.48).

Han Lili conclui que o emprego do adjetivo “depreciativo” por Gonzaga Gomes, mostra a posição do autor como uma entidade diferente dos chineses e dos estrangeiros. Se para os chineses os portugueses e todos os que são de fora da China são estrangeiros, Gonzaga Gomes distingue os portugueses dos outros estrangeiros, mostrando, por conseguinte, uma perspectiva macaense (2013:62).

Qual a origem dessa cultura chinesa de Macau narrada por Gonzaga Gomes?

Gary Ngay no artigo “A Questão da Identidade de Macau”²⁴ explica-nos:

São as culturas tradicionais dos lugares de onde são provenientes os chineses que residem em Macau. O culto à deusa AMÁ, protectora dos homens do mar, veio originariamente de Fujian. O folclore, os costumes e a própria língua, de Guandong. Há, também, uma forte influência dos chineses ultramarinos que se fixaram em Macau, devido às turbulências verificadas nas zonas onde viviam durante a II Guerra Mundial.

E faz-nos uma revelação:

A muito antiga tradição do folclore e costumes chineses, e algum antigo material da herança cultural chinesa, que foi destruída na China Continental durante a Guerra Civil e consequente e contínuas sublevações sociais, mantiveram-se intactos e salvaguardados em Macau. Os antigos templos e relíquias do taoísmo, budismo e confucionismo, bem como as já conhecidas práticas tradicionais desde a nascença até à morte, ainda fazem parte integrante do dia-a-dia dos residentes de Macau, com grande surpresa dos compatriotas do continente que visitam a cidade enquanto turistas.

Depoimentos dos seus contemporâneos

Muitas foram as personalidades contemporâneas de Luís Gonzaga Gomes que lhe traçaram o carácter e a importância da sua obra. Desde logo a professora e filóloga Graciete Batalha (1925-1992), que no prefácio do livro *Macau Factos e Lendas*, (1.ª edição, 1979), escreveu que:

Luís Gonzaga Gomes foi talvez a personalidade macaense mais singular e curiosa dos últimos tempos. Não tendo constituído nunca uma família, ocupou os seus dias num labor sem tréguas e lançado para os campos mais diversos, desde o estudo à Administração

ORIENTALISMO

Municipal, desde a política ao desporto. Mas as suas paixões mais constantes foram duas: a terra natal e a música. A Macau – pontinho de terra minúsculo, porém estuante de vida e carregado de História, dedicou a maior parte das suas horas solitárias, numa devoção constante e criadora. Mas de 30 volumes publicados, mais de 20 jornais e revistas em que colaborou ou que dirigiu, atestam bem a sua determinação de divulgar a história e a cultura macaense ou de contribuir para o intercâmbio cultural luso-chinês. [...].

Segundo o Dr. Jorge Rangel (2007:17-18), Gonzaga Gomes deixou uma obra de valor incontestável para quem queira conhecer Macau. Joaquim Morais Alves (1923-2003), seu colega e vizinho, já aqui citado, referiu:

[...] Deixou uma obra muito meritória, a sua vasta cultura foi reconhecida. Deixou uma riquíssima biblioteca pessoal que, felizmente, após o seu falecimento, foi adquirida pelo Governo de Macau e cá se encontra acessível aos estudiosos da História de Macau (RANGEL, 2007:19).

Han Lili (2018) afirmou não ter encontrado a dita “biblioteca pessoal” no Arquivo Histórico de Macau. No entanto, o Dr. Jorge Arrimar, então Director da Biblioteca Nacional de Macau, num texto redigido para o *Seminário Sobre a História de Macau*, realizado em 13 de Janeiro de 1994, afirmou que, na biblioteca de apoio à sala de leitura do Arquivo Histórico de Macau,

é, basicamente, formada pela bibliografia proveniente da Biblioteca particular de Luís Gonzaga Gomes. Nela há a destacar as seguintes espécies bibliográficas, consideradas importantes como fontes secundárias para a História de Macau e do Oriente Português.²⁵

O Dr. Túlio Lopes Tomaz (1910-1995),²⁶ que foi chefe dos Serviços de Educação de Macau de 1972

a 1979, reitor do Liceu Nacional Infante D. Henrique entre 1972 e 1975, e vice-reitor da Universidade da Ásia Oriental, criada em 1981 (daria origem à actual Universidade de Macau), no seu depoimento para o *Catálogo Bibliográfico de Luís Gonzaga Gomes* (Instituto Cultural de Macau, 1987:27-32), escreveu que:

Luís Gomes, sozinho, representa uma fase da história cultural de Macau: por ele próprio e pelo que conseguiu realizar. E isto sem ter à disposição os meios de propaganda e enaltecimento de que se dispõe hoje. Por isso mesmo a sua obra perdurará. Mas é preciso que alguém de preferência entre os seus patrícios, faça reviver a parte não publicada da sua obra, a qual não é menos importante que os seus escritos (ARESTA, 2016:62).

Padre Manuel Teixeira (1912-2003) deixou-nos também o seu testemunho sobre Gonzaga Gomes:²⁷

Luís Gonzaga Gomes tomou parte em quase todas as iniciativas artísticas e culturais desta sua terra natal [e] foi o melhor e o mais prolífico historiador macaense nestes quatrocentos anos de vida desta terra, mas tão modesto que se escondia no pó dos arquivos. [...] (RANGEL, 2007:18).

Num artigo publicado na Revista *Nam Van*, n.º16, de Setembro de 1984, do então Gabinete de Comunicação Social de Macau,²⁸ sob o título *Recordando Luís Gonzaga Gomes*, Luís Ortet entrevistou, entre outros, o Padre Videira Pires, pedindo-lhe para mencionar as obras de Gonzaga Gomes que considerava merecedoras de uma reedição.

Videira Pires citou as *Páginas da História de Macau*, que considerou bastante boa. Recordou *Efemérides da História de Macau* embora não sendo original, dado que Gonzaga Gomes o que fez foi completar as efemérides de Marques Pereira, sendo, posteriormente, actualizadas pelo Padre Manuel Teixeira. Sob folclore e a etnografia indicou *As Lendas de Macau*, editada pelo jornal «*Notícias de Macau*».

ORIENTALISM

Videira Pires valorizou muito Gonzaga Gomes como colecionador, referindo que “O Luís Gomes herdou a cultura do seu pai que conhecia muito de arte chinesa desde os tempos imemoriais da China e nos seus livros publicou gravuras muito interessantes.”

Na área musical, diz-nos que o Luís Gomes:

Era um perito musical muito bom. Como sabe, a sua irmã é das artistas intérpretes da música clássica que temos aqui em Macau. Os concertos que deu, a formação que tem de Londres, os concertos que deu no Canadá.²⁹ Ele participava muito da cultura da irmã. Mas ele próprio compreendia muito bem todos esses artistas que vinham aqui. Era sempre ele que fazia as críticas no Notícias de Macau, que eram críticas admiráveis.

Quanto ao grande defeito dele, se algum foi, [...] foi ter-se dispersado muito”.

Considerações finais

Que diria o Dr. Manuel da Silva Mendes se tivesse vivido o suficiente para acompanhar a obra do seu antigo aluno? Provavelmente sentir-se-ia orgulhoso.³⁰

Luís Gonzaga Gomes pelo seu labor e obra deixada foi, sem sombra de dúvida, um dos maiores vultos de Macau, como professor e pedagogo, mas, sobretudo, como promotor da identidade da comunidade macaense a que pertenceu e, certamente, o maior promotor do diálogo intercultural luso-chinês do seu tempo.

A sua memória mantém-se viva na sua terra, através do baptismo de uma rua nos aterros do Porto Exterior com o seu nome, e como patrono de uma Escola Luso-Chinesa. Um busto seu foi colocado um ano após a sua morte, numa sala do então Museu Luís de Camões, e outro no Jardim de S. Francisco, em 1984,

ambos da autoria do escultor italiano Oseo Leopoldo Goffredo Acconci.

Ainda em vida (23 de Junho de 1969) foi condecorado pelo Governo português com o grau de *Oficial da Ordem do Infante D. Henrique* e, a título póstumo, com a *Medalha de Valor* de Macau, pelo Governador Almeida e Costa (1981-1986).

Pensamos, contudo, que a melhor homenagem que lhe pode ser prestada é a reedição da sua obra, pelo menos em Português e Chinês, com o rigor científico que se exige no nosso tempo. Uma tarefa hercúlea para o Dr. Luís Sá Cunha e para o *Instituto Internacional de Macau* (IIM). Segundo este investigador na entrevista que concedeu ao *Hoje Macau*, acima citada, de 16 de Dezembro de 2016, afirmou:

O novo Cenáculo vai ser diferente dos anteriores [...]. Vai ser diferente porque já foi convidada gente da nova geração de Macau, com uma grande participação de chineses bilingues. Isto é que é rigorosamente o espírito de Gonzaga Gomes.

Parafraseando o poeta “O Homem pensa, Deus quer e a obra nasce”. Que as instituições de Macau e de Portugal estejam a altura do espírito de Luís Gonzaga Gomes.

Um agradecimento ao Instituto Internacional de Macau (IIM), na pessoa do seu vice-presidente, Senhor Lobo do Amaral, pela gentileza do envio do opúsculo publicado por ocasião do Centenário do nascimento de Luís Gonzaga Gomes (2007), da autoria do seu presidente, Dr. Jorge Rangel, de grande utilidade para este nosso estudo. **RC**

NOTAS

1 Em Julho de 1916 tinham terminado os exames finais do ano lectivo de 1915/1916 nas escolas municipais, mas também na Escola Comercial. *O Progresso*, n.º 46, de 16 de Julho de 1916, na rubrica “Escolas Municipais”, p.1, afirma “A directora da mesma escola e professora da 2.ª classe do 2.º grau, D. Sara da

Encarnação Gomes, não obstante os seus graves incómodos de saúde, não perdia de vista o importante encargo que lhe estava cometido de preparar as alunas para o exame de saída, [...]. O mesmo periódico, na rubrica “Escola Comercial”, p.2, diz-nos: “A classe dos principiantes [da Escola Comercial] é confiada á

ORIENTALISMO

- regência do sr. Joaquim Francisco Xavier Gomes, conceituado professor do *Instituto Comercial* anexo ao Liceu Nacional, [...]” É provável que depois da extinção em 1919 do *Instituto Comercial*, o pai de Gonzaga Gomes tenha passado a leccionar na Escola Central do sexo masculino, chegando a director.
- 2 Entrevista dada à jornalista Isabel Castro do diário *Hojemacau*, de 16 de Dezembro de 2016, disponível em <https://hojemacau.com.mo/2016/12/16/luis-sa-cunha-investigador-ele-trouxe-o-mundo-para-macau/>.
 - 3 O *Círculo de Cultura Musical* foi fundado em Lisboa, em 1934, pela pianista Elisa de Sousa Pedroso. Teve delegações em todo o país e nos antigos territórios ultramarinos: Luanda, Lourenço Marques, Goa e Macau. Tinha como objectivo “*intensificar a cultura musical portuguesa por meio do maior número de serões musicais, conferências ou quaisquer outras festas d’Arte, nas quais tomarão parte, designadamente, os maiores valores artísticos estrangeiros da actualidade, menos conhecidos em Portugal, e, sempre que as circunstâncias o indiquem, os artistas nacionais que forem considerados de reconhecido mérito*” (ALMEIDA, 2008:1). A delegação de Macau do *Círculo de Cultura Musical* deve ter iniciado as suas actividades em 1952 sob a protecção do Dr. Pedro José Lobo, dado termos informação de que a sétima temporada desta associação principiou em 24 de Janeiro de 1959, com a participação do grande pianista e maestro filipino, Redentor Romero (1930-2001), cf. <https://nenotavaicontra.wordpress.com/tag/1959/>.
 - 4 Associação cultural de matriz portuguesa fundada em 1950 pelo Dr. Pedro José Lobo. O seu objectivo era “*promover a divulgação da cultura artístico-literária, especialmente a portuguesa [...]*.” O seu primeiro acto público teve por palco o Teatro D. Pedro V, em 16 de Setembro de 1950, numa conferência-recital em que actuou Maria Margarida Gomes, irmã de Gonzaga Gomes, que cantou o *lieder* de Schumann, acompanhada ao piano por R. Wengraf, cf. *Boletim Geral das Colónias* (BGC) XXVI, 305, 1950, p.135. Esta associação trouxe a Macau vários artistas de renome internacional, patrocinou exposições de pintura, organizou debates e conferências, editou livros e a revista trilingue “Mosaico”, redigida em português, chinês e inglês. Os seus principais colaboradores foram Luís Gonzaga Gomes, Graciete Batalha, Henrique de Senna Fernandes, José Silveira Machado, entre muitos outros. A revista publicou o seu último número em Dezembro de 1957. Em 2005, o *Instituto Internacional de Macau* (IIM) utilizou o nome desta revista, numa nova série, para designar uma colecção que pretende acolher “*textos dos diversíssimos temas de conferências, comunicações ou depoimentos, textos curtos, mas cuja qualidade e interesse merecem justa e melhor divulgação*” cf. jornal *HojeMacau*, de 13 de Dezembro de 2005.
 - 5 Criada pelo Governo português em 1947, substituiu a *Agência Noticiosa Lusitânia* ou simplesmente *Lusitânia*, criada em 1944. Depois de 25 de Abril de 1974, a ANI foi substituída pela *Agência Noticiosa Portuguesa* (ANOP) e, em 1986, pela actual *Agência Lusa*, cf. Wikipédia.
 - 6 Cf. sítio do *Rotary Club de Macau, Past-presidentes e secretários*, disponível em <http://rcmacau.org/past-presidents-and-secretaries/>.
 - 7 Afonso Correia publicou a palestra que proferiu no Rotary Club de Macau “Lisboa do Nosso Tempo”, no *Notícias de Macau*, em 1954. Nesse ano deu à estampa “Um Céu e Três Mundos”, editado pelo Círculo Cultural de Macau”.
 - 8 Segundo Romana, foi também aluno do Colégio do Seminário de S. José (2014:5).
 - 9 Segundo Teixeira (1982:106) saíram apenas dez números.
 - 10 Cf. o Artigo 2.º, Capítulo I do Regulamento da Repartição do Expediente Sínico de Macau, aprovado por Decreto n.º 1:118, de 30 de Novembro de 1914, do Ministro das Colónias, Alfredo Lima.
 - 11 Gonzaga Gomes deve ter sido director da Escola Primária Oficial Pedro Nolasco da Silva no início da década de 1950 até 1952, inícios de 1953, pois em Outubro de 1953, quando o Governador Marques Esparteiro visitou esta escola, era já director da secção masculina o Dr. António Maria da Conceição (do sexo feminino era Áurea Maria Salvado), cf. *Boletim Geral das Colónias* XXIX, pp. 341-342, Nov/Dez 1953.
 - 12 Vide Relatório integral em Barata (1999:343-346), apêndice documental doc. n.º 38
 - 13 Voltaria a funcionar apenas em Abril de 1974, com a duração de três anos, aberto a todos os indivíduos que o quisessem frequentar, desde que fossem maiores de 18 anos e possuíssem o Curso Preparatório do Ensino Secundário (BARATA, 1999:80).
 - 14 Texto da Comunicação apresentada pelo Dr. Jin Guoping, em representação do Instituto Cultural de Macau, ao *III Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos - Secção Brasileira* - que decorreu na Universidade de S. Paulo entre 26 e 30 de Abril de 1988. É licenciado em Português pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, bolseiro da Fundação Gulbenkian e do Instituto Cultural de Macau. Disponível em <http://www.icm.gov.mo/rc/viewer/32000/2066>.
 - 15 Citado por HAN LILI (2018:150).
 - 16 Texto reproduzido através da 2.ª edição de 1979, Quinzena de Macau, pp. 8-9, citado por Aresta (2016:58).
 - 17 Idem, *ibidem*.
 - 18 Entrevista disponível no blogue Macau Antigo, in <http://macauantigo.blogspot.com/2010/07/breve-monografia-de-macau.html>.
 - 19 Duas palavras usadas pelos chineses nos seus escritos e documentos oficiais para referir estrangeiros, que tanto podem significar “estrangeiro” como “bárbaro”.
 - 20 Citado por Han Lili (2018:22).
 - 21 GOMES, Luís Gonzaga (1994b), *Macau: factos e lendas*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
 - 22 Súcubo é uma personagem referenciada pela mitologia como um demónio com aparência feminina, que invade o sonho dos homens para, com eles, ter uma relação sexual com o objectivo de lhes roubar a energia vital, cf. Wikipédia.
 - 23 ESCALEIRA, Lourdes & HAN LILI, *Luís Gonzaga Gomes um filho da terra*. Revista Macau, disponível em http://www.revistamacau.com/2013/12/15/luis-gonzaga-gomes-um-filho-da-terra/#_ftn2
 - 24 Disponível em file:///C:/Users/utilizador/Downloads/rev7_art6_a%20questao%20(1).pdf.
 - 25 As obras mencionadas nessa biblioteca de Gonzaga Gomes são apenas oito, sendo que uma delas é italiana, e todas as outras

ORIENTALISM

- portuguesas. Disponível em <http://www.icm.gov.mo/rc/viewer/30019/1724>
- 26 Licenciado em Ciências Físico-Químicas, foi professor metodólogo no Liceu Pedro Nunes. Fez comissões de serviço na Guiné e na Índia, foi director dos Serviços de Instrução de Angola e, desde 1961, era inspector do Ensino Liceal. Autor de obras didácticas, cf. António Aresta, in *Jornal Tribuna de Macau*, de 11 de Fevereiro de 2015. O Dr. Túlio Tomaz prefaciou a obra de José dos Santos Ferreira (1919-1993), conhecido como Adé, *Poéma di Macau*, em dialecto macaense, editado pelo Leal Senado de Macau. Em 1983 publicou a sua conferência *Os Lusíadas e a Ciência do Renascimento*, na Imprensa Nacional de Macau, em 1972, realizada em 13 de Novembro de 1972, no Liceu de Macau, integrada no *Programa das Comemorações do IV Centenário da publicação dos Lusíadas*, cf. A. J. Trindade, alfarrabista e antiquário da Rua do Rua do Alecrim, ao Chiado, 32-36, Lisboa.
 - 27 Dados compilados pelo Padre Manuel Teixeira para o *Boletim do Instituto Luís de Camões* (vol. X, n.ºs 1 e 2 de 1976), e desenvolvidos na 3.ª edição do “Liceu de Macau”, editada em 1986, pela Direcção dos Serviços de Educação (RANGEL, 2007:18).
 - 28 Cf. *Crónicas Macaenses*, disponível em <https://cronicasmacaenses.com/2014/12/10/luis-gonzaga-gomes-sob-o-ponto-de-vista-de-pe-videira-e-tulio-tomaz/>. O n.º 1 da Revista *Nam Van* é de 1 de Junho de 1984, edição do Gabinete de Comunicação Social de Macau (GCS). Tinha como director Hândel de Oliveira, com direcção gráfica de João Melo. O corpo redactorial era constituído por Luís Ortet, Luís Sá, Peter Liu e João Murinello, sendo este último coordenador geral.
 - 29 Maria Margarida de Alacoque Gomes, irmã de Gonzaga Gomes, merecia por si só um estudo biográfico. Ela foi também professora primária, tendo a sua exoneração saído no Boletim Oficial de Macau n.º 31, de 8 de Agosto de 1946.
 - 30 Luís Gonzaga Gomes coligiu os textos do seu antigo mestre, que publicou em 1949 (4 vols.) e 1963-1964 (3 vols.).

BIBLIOGRAFIA

- Aresta, A. *O Professor Luís Gonzaga Gomes e a Divulgação Pedagógica da Cultura Chinesa*. *Revista Administração* N.º 54, 2001, 1535-1558.
- ———, António (2016), *O Professor Luiz Gonzaga Gomes e a divulgação pedagógica da cultura chinesa*, in “Macau Histórico e Cultural”. Lousã: Livros Oriente, direcção de COELHO, Rogério Beltrão, colecção Estudos e Documentos.
- Barata, Aureliano (1999), *O Ensino em Macau 1572-1979. Contributos para a sua História*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude (DSEJ), Col. Educação Memórias n.º 14.
- Batalha, Graciete Nogueira (2007), *Luís Gonzaga Gomes e o Intercâmbio Cultural Luso-Chinês*. Colecção Mosaico. Volume III. Macau: Instituto Internacional de Macau.
- Gunn, Geoffrey C. (1998), *Ao Encontro de Macau. Uma Cidade-Estado Portuguesa na periferia da China, 1557-1999*. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (CTMCDP) e Fundação Macau.
- Barreira, N. (1994), *Ou Mun: Coisas e Tipos de Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Rangel, Jorge A. H. (2007), *No Centenário de Luís Gonzaga Gomes*. Ed. do Instituto Internacional de Macau, Colecção Mosaico, vol. VI.
- Simas, Mónica (2007), *Margens do destino. Macau e a literatura em língua portuguesa*. S. Caetano do Sul: Yendis Editora (Brasil).
- Teixeira, Padre Manuel (1986), *À Memória de Luís Gonzaga Gomes*. In *Liceu de Macau* (3.ª edição). Macau: Direcção dos Serviços de Educação.
- Almeida, Ana Cristina de Oliveira (2008), *Memórias no Feminino: O Círculo de Cultura Musical do Porto (1937-2007)*. Universidade de Aveiro: Departamento de Comunicação e Arte [Dissertação de Mestrado]. In http://performa.web.ua.pt/pdf/actas2009/04_Ana_Cristina_Almeida.pdf.
- Colónias, Boletim Geral das, vol. XXIX, Nov/Dez 1953, pp.341-342. Agência Geral do Ultramar. In <http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=BGC/BGU-N341-342&p=1>.
- Escaleira, Lourdes & HAN LILI, *Luís Gonzaga Gomes um filho da terra*. Revista Macau de 2013. In http://www.revis-tamacau.com/2013/12/15/luis-gonzaga-gomes-um-filho-da-terra/#_ftn2.

ORIENTALISMO

- Dias, Alfredo Gomes (2011), *Diáspora Macaense Macau, Hong Kong, Xangai (1850-1952)*. Lisboa: Universidade de Lisboa: Instituto de Geografia e Ordenamento do Território [Dissertação de Doutoramento em Geografia Humana]. In file:///C:/Users/utilizador/Downloads/ulsd635843_td%20(1).pdf.
- Ngay, Gary, *A Questão da Identidade Cultural de Macau*. Revista Camões n.º 7, Out/Dez 1999, [tradução do Chinês para Português de Anabela Nunes Monteiro]. In file:///C:/Users/utilizador/Downloads/rev7_art6_a%20questao%20(1).pdf.
- Han, Lili, *Contributo da adjetivação na construção da identidade macaense – estudo da obra Curiosidades de Macau Antiga, de Luís Gonzaga Gomes*, in Cadernos de Literatura em Tradução, n.º14, 2013, pp. 61-77. “Especial China: 500 anos de relações luso-chinesas”. Universidade de S. Paulo (Brasil). In <http://www.revistas.usp.br/elt/article/view/96806/95920>.
- _____, (2018), *Luís Gonzaga Gomes, Filho da Terra: divulgador e tradutor de imagens da China e de Macau*. Lisboa: Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras [Dissertação de Doutoramento em Linguística Aplicada]. In file:///C:/Users/utilizador/Downloads/ulfl242463_td%20(12).pdf.
- Paiva, Maria Manuela Gomes (2008), *Traduzir em Macau. Ler o outro – para uma história da mediação linguística e cultural*. Lisboa: Universidade Aberta [Dissertação de Doutoramento em Estudos Portugueses, Especialidade de Estudos de Tradução]. In file:///C:/Users/utilizador/Downloads/TD_MariaPaiva%20(2).pdf.
- Rangel, Alexandra Sofia de Senna Fernandes Hagedorn (2010), *Filhos da Terra: A Comunidade Macaense, ontem e Hoje*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [Dissertação de Mestrado em Ciências da Cultura – Especialização em Comunicação e Cultura]. In <https://core.ac.uk/download/pdf/12423767.pdf>.
- Romana, Maria da Conceição Correia Salvado Pinto Pereira Baras (2014), *Para uma Literatura da Identidade Macaense Autores/Atores*. Covilhã: Universidade da Beira Interior [Dissertação de Doutoramento]. In <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4245/1/Tese%20Para%20uma%20literatura%20da%20Identidade%20Macaense%20-%20UBI.pdf>.
- Serafim, Fernando Ulisses Mendonça, *Luís Gonzaga Gomes e a Macau Mitológica: A afirmação de uma identidade singular*. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana/ Universidade Federal Fluminense, Niterói [Brasil], vol.10, n.º 21, jul-dez 2018, pp. 151-164. In <http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/531/364>.
- Sergio, Vanessa (2012), *Macau, vie culturelle et littéraire d’expression portugaise au milieu du XXème siècle– Luís Gonzaga Gomes “Fils de la terre”*. Paris: Université Paris Ouest Nanterre la Défense [Tese de Doutoramento em Línguas, Literaturas e Civilizações Romanas: Português]. In <http://livrozilla.com/doc/1725158/covas---universit%C3%A9-paris-ouest-nanterre-la-d%C3%A9fense>

Imprensa de Macau/Hong Kong

- Hoje Macau*, Jornal, de 16 de Dezembro de 2016, [Entrevista ao Dr. Sá e Cunha]. In <https://hojemacau.com.mo/2016/12/16/luis-sa-cunha-investigador-ele-trouxe-o-mundo-para-macau/>
- Jornal de Macau*, (edição do), de 23 de Novembro de 1919 e de 28 de Junho de 1929
- Patriota (O)*, de 4 de Novembro de 1903 (Hong Kong)
- Ponto Final*, jornal semanário, de 28 de Junho de 2010 [Entrevista ao Dr. Jin Guoping]. In <http://macauantigo.blogspot.com/2010/07/breve-monografia-de-macau.html>.
- Progresso (O)*, Jornal, n.º 46, de 16 de Julho de 1946.